

Maria Aparecida de Castro Motta

NA MORTE O SENTIDO DA VIDA

Curso de Psicologia  
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
São Paulo  
2011

Maria Aparecida de Castro Motta

NA MORTE O SENTIDO DA VIDA

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para a graduação no curso de Psicologia, sob orientação da Profa. Ida Elizabeth Cardinali.

Curso de Psicologia  
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
São Paulo  
2011

*Ao meu pai, Afonso, (in memoriam).*

*À minha mãe, Helena, minha gratidão.*

*Ao meu filho, Henrique, a compreensão.*

## Agradecimentos

À Professora Ida Elizabeth Cardinalli, pela orientação no TCC, contribuindo com sua experiência de guia.

Ao Professor Marcos Oreste Colpo, pela indicação do filme "A Partida", pela orientação na Eletiva, da qual o TCC é fruto e por ser também um guia no Projeto de Pesquisa.

À Professora Maria Claudia Tedeschi Vieira, pela orientação no Projeto de Pesquisa, com suas perguntas instigantes e profundas.

À minha colega e amiga, Jaqueline de Oliveira, pela conexão, no computador, das partes dispersas da Eletiva original.

Aos meus irmãos: Jairo, Maria Juçara, Maria Francisca, Ubirajara e Silvana, pela fraternidade.

Maria Aparecida de Castro Motta: Na Morte o Sentido da Vida, 2011.

Orientadora: Professora Ida Elizabeth Cardinalli

## **Resumo**

É um trabalho que se propõe a relacionar o possível sentido da vida de Daigo, o personagem principal do filme "A Partida", com os existenciais heideggerianos de finitude, ser-para-a-morte, angústia, impropriedade, cuidado/cura. O sentido da dimensão da morte com a angústia a ela inerente, porém esta como abertura do homem (ser-aí) para si-mesmo, no sentido de ser si-mesmo próprio.

Palavras Chaves: morte; vida; partida; cuidado; sentido; Hermenêutica Existencial; Heidegger.

## Sumário

Introdução.....	1
Capítulo 1	
Ser-para-a-morte: A finitude delineada no horizonte existencial.....	5
Capítulo 2	
Método.....	10
Considerações Metodológicas.....	10
Procedimento.....	12
Capítulo 3	
Relato e Análise do Filme "A Partida".....	14
Cenas Iniciais.....	14
Epítome.....	19
Análise do filme.....	21
Considerações Finais.....	43
Referências Bibliográficas.....	45

## **INTRODUÇÃO**

### **Vida e morte**

A morte como determinação indeterminada, isto é, sabe-se que será um dia, mas não se sabe quando, possibilita caminhos como:

O contato e a proximidade com a morte podem modificar uma pessoa em seu modo particular de ser, movendo-a para maneiras de agir mais próprias.

A condição de mortal assim o possibilita, pois, de alguma forma, já se teve ou se terá esse contato, que especificamente neste caso, foi suscitado ao assistir o filme "A Partida", de origem japonesa, realizado por Yojiro Takita, com o elenco composto pelos atores Masahiro Motoki, Tsutomu Yamasaki, Ryoko Hirose, Kasuko Yoshiyuki, Kimiko Yo e Takashi Sasano, no ano de 2008 pela Paris Filmes.

O intuito será alinhar alguns existenciais heideggerianos através do filme, associados aos temas principais do existir humano: vida e morte. Explorar a relação entre a morte e o sentido da vida, e, como o ser-para-a-morte, dentro da temporalidade, transcende sua condição, na convivência com a morte e encontra um motivo para a vida.

Para isso reportarei à ontologia fundamental de Martin Heidegger (1889-1976), filósofo alemão muito importante para o século XX, tendo influenciado fortemente grandes autores como Jean-Paul Sartre, Jacques Lacan, Derrida, Hans George Gadamer, Lévinas, Ludwig Binswanger e Medard Boss na psiquiatria e na psicoterapia fenomenológica.

O tema foi despertado ao assistir o referido filme, por indicação do Professor Marcos Oreste Colpo, pela própria condição de mortal e pela possibilidade de uma vida mais plena, ao se reavaliar continuamente em direção ao fim, ao mesmo tempo em que se vive e se procura realizar aspectos essenciais do viver.

Nada se sabe sobre o futuro, é se lançado sobre o nada, porém a vida se abre quando se aproxima da morte.

Na apresentação de Ser e Tempo, Leão (1999), aponta que:

O pensamento nunca fala de modo próprio. Sempre responde por já ter escutado. Toda pergunta ou questão do pensamento torna-se radical por já ser sempre resposta. Só se consegue dizer a palavra essencial na escuta do sentido, a essência da palavra. (p. 15).

Logo, na verdade, o pensado, não é novidade, estando já no âmbito essencial das questões desde sempre refletidas, mas que podem apresentar um novo sentido. Casanova (2009) acredita que toda pesquisa teórica pressupõe uma já circunstância prévia que aponta para a posição atual do problema e suas decisões lhe dão os contornos próprios, especificando que nunca se aproxima do zero de uma questão, mas sim de uma posição na qual ela já se revelou, e Stein (1996), de outra forma, destaca que:

Já estamos confrontados como indivíduos situados historicamente dentro de uma determinada cultura, de uma determinada universidade, de determinadas correntes e assim procuramos autores também situados com seus livros, seus textos, suas tendências. (p.103)

Considerando essas asserções, a proposta da hermenêutica e do estudo do sentido da vida em sua modificação ao tomar contato com a morte, já intrigou pensadores de Platão aos existencialistas. Heidegger (1990), em nota de rodapé, esclarece:

Desde S. Paulo até a *Meditatio futurae vitae* de Calvino, a antropologia elaborada na teologia cristã viu a morte no seio da interpretação da "vida". W. Dilthey, cujas tendências propriamente filosóficas se encaminham para uma ontologia da "vida", não podia deixar de reconhecer o seu nexos com a morte. "E, por fim, a relação que determina, de modo mais profundo e geral, a sensação de nossa existência é a relação da vida com a morte: pois a limitação de nossa existência pela morte é sempre decisiva para a compreensão e avaliação da vida". *Das Erlebnis und die Dichtung*, (2ª Ed., p. 212. (pp.30.31).

Segundo Beckenkamp (1996-1995) Kant em 1762/63 já postulava "a finitude da existência como lugar em que se dá todo o conhecimento humano" (p.267), pela limitação do tempo, fazendo com que as escolhas sejam feitas e os caminhos sejam traçados, possibilitando descobertas e

abertura de novos horizontes. A morte é apresentada por Susin (1996-1995) como silenciosa, porém especificando que com todo o sofrimento que a precede e prepara é uma ocasião, no pensar kierkegaardiano de descobrir-se, estando na inverdade e possibilitando assim poder entrar na verdade, com isso criando uma postulação de atitude frente ao poder-ser e seus questionamentos possibilitadores. Apesar de ser silenciosa, a morte é esboçada em todo sofrimento humano que a precede, podendo desse sofrimento advir ou preparar-nos para o seu conhecimento, deixando de estarmos na ilusão de uma vida infinita e entrando na verdade de sua finitude.

O questionamento de Apel (1996-1995) é se “a morte é uma condição de possibilidade da significância da vida, ou do sentido da vida” (p.358). O sentido é o que posiciona o homem no mundo, pois, sentido é o mesmo que direção do existir, rumo, aquilo que move a existência e que, segundo Heidegger (1999), “é aquilo em que se sustenta a compreensibilidade de alguma coisa”. (p.208). Então, um problema se impõe pela relevância que representa no sentido da vida. Para Colpo (2002),

o ser desvelado no âmbito de seu sentido permite-nos desvelar ‘mundos’ que constituem o modo de ser do ser-aí e que podem situá-lo a respeito de si mesmo e a respeito de sua própria existência junto aos outros. (p.32).

O desvelamento do sentido do existir possibilita uma abertura de compreensão do próprio ser podendo olhar a existência com arsenal próprio. O sentido que posiciona o homem no mundo, que move a existência é a morte, mas paradoxalmente, da morte pode brotar o sentido da vida, pois para Inwood (2002), Heidegger entende que “uma vida infinita seria inviável e incauta” (p.116), ao não se ter objetivos e tempos prefixados para a consecução dos objetivos.

Em Heidegger (1990), “a morte é, em última instância a possibilidade da impossibilidade absoluta da pre-sença. Desse modo, a morte desentranha-se como a possibilidade mais própria, irremissível e insuperável” (p.32). A possibilidade de não estar mais no mundo estabelece a condição de mortal, na existência, no cotidiano, no convívio

com outros seres, com isso trazendo nas vivências possibilidades ainda não sabidas ao se apropriar das próprias escolhas.

Para explorar a relação entre a morte e o sentido da vida e como o ser para-a-morte, transcende sua condição e encontra um sentido para a vida, a Fenomenologia Hermenêutica ou Hermenêutica do ser-aí, desenvolvida por Heidegger em *Ser e Tempo* (1927), será utilizada na compreensão do filme "A Partida", desvelando sentidos e aproximando os existenciais, que são estruturas de possibilidades de ser do ser-aí que podem ser especificados como: finitude- ser-para-a-morte, angústia, impropriedade, cuidado/cura, às situações vividas pelo personagem.

Daigo o personagem principal, sente sua vida inexpressiva até que começa uma nova ocupação, inusitada, e, enfrenta o descontentamento e a vergonha de sua mulher e amigos.

"A Partida" é o despertar para encontrar através da morte e na sua presença, o sentido para a vida que se delinea, por meio do ritual de acondicionamento de corpos. Esse encontro é incomum, pois ele se dá através de um trabalho que não é considerado digno, pelo contato com o corpo do morto, em uma experiência delicada, considerando o envolvimento dos familiares que o assistem e que mantêm vínculos com este e com a sua história de vida.

O trabalho será composto de três capítulos. O primeiro enfocará o ser-para-a- morte na perspectiva de Heidegger: o sentido da dimensão da morte com a angústia a ela inerente, porém como abertura do ser-aí para si-mesmo, no sentido de ser si-mesmo próprio. O segundo capítulo discorrerá sobre o método, primeiro em uma visão geral de considerações metodológicas e logo após o procedimento específico da análise do filme. O terceiro capítulo constará do relato do filme à luz da Fenomenologia Hermenêutica, uma interpretação e sua análise com alinhavos existenciais heideggerianos.

Considerações finais construídas em torno dos aspectos citados no início da Introdução, ou seja, o tema da vida e da morte e sua relação com a apropriação pelo ser-aí dos caminhos a ele apresentados.

## **1-SER-PARA-A-MORTE: a finitude delineada no horizonte existencial**

“A morte é, em última instância a possibilidade da impossibilidade absoluta de pre-sença. Desse modo, a morte desentranha-se como a possibilidade mais própria, irremissível e insuperável” (HEIDEGGER, 1990, p.32).

Heidegger está inscrito na tradição fenomenológica fundada por Edmund Husserl, embora tenha se encaminhado em direção à sua ontologia fundamental publicada com o título *Ser e Tempo* (1927). Nessa ontologia o pensador desenvolve uma Fenomenologia Hermenêutica ou uma Hermenêutica do ser-aí, visando ao esclarecimento do sentido do Ser. O ser humano é denominado de ser-aí, e é compreendido como um projeto lançado, o que mostra sua indeterminação originária. Casanova (2006) esclarece que “o ser-aí é o ente que essencialmente existe. Enquanto um existente, ele não possui nenhuma característica previamente dada. Tudo o que é aponta para um modo possível de ser (...)”. (p.20). O homem é um poder-ser de possibilidades, relacionado à compreensão, que é um caráter ontológico de se abrir, em que o pensamento não dá um caminho, ele abre um caminho. A essência do ser-aí é poder-ser, que compreende o ser humano como uma abertura, não uma determinação, uma relação com tudo que existe. Também Casanova (2006) aponta que “ser-aí é sempre a cada vez o que ele pode ser e como ele é a sua possibilidade” (p.20), explicitando de outra forma a relação existente entre possibilidade e poder ser. Esse poder-ser se dá por meio da compreensão e do sentido.

Heidegger utiliza o termo existencial para se referir às estruturas que compõe o ser do homem. No presente trabalho serão desenvolvidas algumas considerações com base nos existenciais: ser-para-morte, finitude, angústia e cuidado/cura.

Para Heidegger (2008), “na morte, recolhe-se o encobrimento mais elevado do ser. A morte já ultrapassa todo morrer” (p.17). Sabendo da finitude da sua existência e dela se apoderando, adianta-se, abre-se a possibilidade de ser e de sentido, pois na presença da morte toda e qualquer palavra é sem significado, pois incluso no horizonte vivencial está o horizonte mortal, porque de forma nenhuma alguém sabe o que é a

morte. O sentido que posiciona o homem no mundo, que move a sua existência é a morte, mas paradoxalmente da morte pode brotar o sentido da vida. Uma possibilidade apresentada é meditar sobre a morte, a partir dela mesma, e em sua convivência. Para Heidegger (1990), "levando-se ao extremo, o não-mais-ser-no-mundo do morto ainda é também um ser, na acepção do ser simplesmente dado de uma coisa corpórea" (p.18). O morto em sua presença corpórea pode aproximar os que estão em sua presença da sua finitude, pois o homem (ser-aí) tende a distanciar-se da morte colocando-a como algo impessoal – um fato biológico, deixando-se seduzir pela interpretação pública (impropriedade) que encobre o fato essencial da morte, tratando-a teoricamente, como um acontecimento externo, esporádico, social ou biológico; ou como aquilo que acontece somente aos outros e não como algo que concerne a cada homem, em seu existir. Então para Heidegger (1990), "a morte dos outros, porém, se torna mais penetrante, pois o findar da pre-sença é 'objetivamente' acessível. Sendo essencialmente ser com os outros, a pre-sença pode obter uma experiência de morte. (p.17). A morte de pessoas próximas, ou mesmo distantes, pode despertar para a sua própria finitude, porém, também se pode pensar a morte em um contexto de vida, inserida como uma possibilidade, não mais distante, etérea e improvável, mas como presença limitadora em termos temporais e, ao mesmo tempo, propiciadora de um viver mais pleno. Também Heidegger (1990), ainda nos lembra que:

O "finado" que, em oposição ao morto, foi retirado do meio dos que "ficaram para trás" é objeto de ocupação nos funerais, no enterro, nas cerimônias e cultos dos mortos. E isso porque em seu modo de ser, ele é "ainda mais" do que um instrumento simplesmente dado no mundo circundante e passível de ocupação. (p.18)

Nesse momento há a possibilidade de que cada um que participe dos funerais olhe para sua própria existência e se pergunte de que forma está indo para a direção final, mas nem sempre isto ocorre porque o homem está ocupado com as seduções do mundo, e enredado em uma trama significativa cotidiana. Essa noção de tempo vai sendo conquistada desde a infância, pois sempre há a escamoteação da morte, porém a partir do momento em que o homem percebe sua finitude, a partir da visualização da inexorabilidade do tempo e da presença do corpo inerte, ele pode ser

tocado pela situação. A finitude como realização de um sentido, como aquilo que sustenta e que embasa é especificada por Inwood (2002),

ele [Heidegger] assume que uma vida infinita seria inviável e incauta, tornando-se impossível decidir o que fazer ou quando fazê-lo. Ele focaliza quase exclusivamente a nossa própria morte; até mesmo o tempo termina com a nossa própria morte (ST, 330s), uma afirmação difícil de conciliar com nossa estrutura essencial de ser-com-os-outros, uma vez que pouco provavelmente todos os outros morrerão ao mesmo tempo que nós. É, diz, ele, certo que morrerei. Não é certo quando morrerei. Posso morrer a qualquer momento. Nada posso fazer depois de minha morte. Ninguém pode morrer por mim. Devo morrer sozinho. (p.116).

A dimensão da morte é o novo que ocorrerá na vida e que não se estará presente. A vida é um sopro entre dois desconhecidos e uma experiência que é única e intransferível, de ruptura radical. O ser-para-a-morte abarca a totalidade de uma vida, que não excede determinado número de anos e sobre o passado só se pode pensar sobre, o futuro é uma possibilidade, restando o momento atual, no qual a vida acontece. A possibilidade de viver enquanto viver, explorar o momento presente e o que ele traz de enriquecimento para a existência, no descobrir-se uma pessoa mais plena.

Colpo (2007) esclarece que "sobre a possibilidade de se pensar numa disposição privilegiada que abre o ser-aí para si-mesmo Heidegger encontrará no sentimento de angústia essa abertura privilegiada" (p.7). O ser compreendido entre o nada antes do nascimento e o nada depois da morte, um percurso que pode ser pleno de possibilidades, porque realizador do surgir, do acontecer, do aparecer, do dar-se, mas não isento da angústia propiciadora do encontro consigo mesmo. Existe uma relação entre a capacidade de sustentar a angústia e a possibilidade de se constituir como si mesmo, segundo Michelazzo (2004), ao "suportar a carga de dilaceramento do tempo" (p.282). Para Heidegger (1999), "a angústia, junto com a própria presença que nela se abre, oferece o solo fenomenal para a apreensão explícita da totalidade originária da presença. Esse ser desentranha-se como *cura*". (p.245). O cuidado/cura (*Sorge*) é o ser do ser-aí, um existencial que perfaz a estrutura central do ser-aí. Sabendo-se mortal o homem deve cuidar de si, cuidando dos sentidos que perfazem a sua existência. No viver cotidiano o ser-aí se cuida, é cuidado e cuida de outros e após a morte é cuidado, mas nem sempre é um bom cuidado

porque, às vezes, há negligência e indiferença. Assim, para Heidegger (1999), sempre é um “*percurso temporal no mundo*”. (p. 264). Nessa temporalidade cuida-se também do essencial que é a possibilidade de não mais se estar presente no mundo.

O ser-para-a-morte é antecipação do poder-ser de um ente cujo modo de ser é, em si mesmo, um antecipar. Ao desentranhar numa antecipação esse poder-ser, a pre-sença se abre para si mesma, no tocante à sua extrema possibilidade. Projetar-se para seu poder-ser mais próprio significa, contudo: poder se compreender no ser de um ente assim desentranhado: existir. A antecipação comprova-se como possibilidade de compreender seu poder-ser *mais próprio* e extremo, ou seja, enquanto possibilidade de *existir em sentido próprio*. (HEIDEGGER, 1990, p.46).

A relação do ser-para-a-morte com o poder-ser mais próprio é aqui explicitada pelo antecipar. Uma condição que é dada pela temporalidade, de, no presente, ir até o futuro e nele, sabendo da finitude, compreender as possibilidades que se apresentam nessa abertura de tempo clarificada pelo existir no seu sentido mais próprio. É por meio da temporalidade que algo pode se manifestar. A relação com a morte faz com que se dispa de todos os artifícios e subterfúgios que se possa ter como defesas e esconderijo do ser, podendo mostrá-lo em sua abertura, pois, o contato com o outro ser se torna possível pela visão desse outro em sua inteireza. Não se necessita ficar amparado na angústia e preocupação por si mesmo, mas extrapolar os limites do ser, na igualdade de condições da solidão, possibilitadora de envolvimento e contato genuínos.

Ainda Heidegger (1990) afirma que “a possibilidade certa da morte abre a pre-sença como possibilidade apenas no sentido de antecipando-a, essa possibilidade *possibilitar* a si mesma como o poder-ser mais próprio de si” (p.48). O ser-para-a-morte pode aproximar o ser-aí para realizar seu mais próprio poder-ser. Assim permite ressignificar o viver e suas relações, aceitando a vida e suas possibilidades, vivendo de uma forma que possa efetuar transformações, mesmo nas oportunidades perdidas, em que a consecução do projeto não pode acontecer, por desviar-se em outra possibilidade na hora da escolha. Ao ser-aí em sua condição existencial mortal, a vida verdadeira e própria, nem sempre está presente em seus atos, mas ele pode se reinventar e alcançar sentidos e significações que poderão tornar mais próprio e pessoal o seu viver.

Ao se encobrir o fato da própria morte, na tendência de dela se distanciar faz com que se viva na impropriedade, isto é, diante do movimento de evitação em relação à própria morte o homem vive em temporalidade imprópria. Existe-se no modo impróprio, na familiaridade, no conhecido, eximindo-se de buscar no mais próprio do ser a razão de existência. Para Colpo (2002), "a possibilidade de poder-ser-si-mesmo-próprio, compreendida como aquele que escolhe, decide e empunha uma possibilidade (autêntica), constitui a contrapartida deste modo impróprio" (p.132). O encontrar a si-mesmo e ser-lhe fiel se dá em meio à impropriedade do existir no mundo mesmo, possibilitando-se ser um cuidador do ser, não escapando a possibilidade da própria morte, a qualquer momento, no horizonte diário. Segundo Dias (1984),

este ocultamento da temporalidade própria se dá na senda mesmo da regular escamoteação da morte, operada pelo Alguém (impropriedade). Pois como veremos existir em temporalidade própria e existir no modo de ser relativamente à morte se pertencem. (p.214).

A compreensão da morte como uma possibilidade inevitável habilita-se para um poder-ser próprio, pois que diante das escolhas há a verdadeira dimensão do tempo e da impossibilidade de vivê-lo novamente, só o sendo dali em diante com as implicações decorrentes das ações decididas, sendo cada instante importante para a realização, em um movimento de apropriação ao tomar o sentido da própria vida.

## 2- MÉTODO

### Considerações Metodológicas

O método fenomenológico de investigação será visto como por Heidegger no parágrafo sétimo de *Ser e Tempo*. Esse método iniciou-se com Edmund Husserl (1859-1938), identificando que havia uma crise entre as verdades científicas e o mundo da vida, sendo uma tentativa de voltar às coisas mesmas, para que as ciências também pudessem participar desse mundo. Para aceder à Husserl, além do retorno às coisas mesmas, é preciso a concepção de intencionalidade da consciência, em que esta está orientada para as coisas, pela redução fenomenológica ou epoqué, na qual é necessário um passo para trás, suspendendo a atitude natural.

Heidegger (1889-1976), discípulo de Husserl, ao perguntar o que é o Ser, o que é a verdade, em seu livro de 1927, *Ser e Tempo*, estabelece uma ontologia fundamental. Nunes (2002) esclarece que,

a fenomenologia é ontologia, e como ontologia, é uma hermenêutica, porque a descritividade fenomenológica tem o alcance de um trabalho de interpretação aplicado ao Dasein – não de fora para dentro, mas de dentro para fora, uma vez que parte do Dasein e é pelo Dasein mesmo conduzida. O método se compatibiliza, pois, com a investigação do Dasein em si mesmo e por si mesmo. Essa investigação exige, no entanto, que se neutraliza a consciência numa epoqué, posta por conseguinte num parêntese metodológico. Em lugar de consciência (Bewusstsein), leremos Dasein (ser-aí) (p.11).

Em uma interpretação, daquilo que se mostra, pode-se desvelar a mudança no apreender da essência das coisas, que se tornam com sentido e pertinência. Para Michelazzo (1997), o conhecimento se desenvolve em círculos concêntricos, em espiral, em que cada indagação ao ser respondida dá ensejo à nova indagação, constituindo um corpo de conhecimentos ascendente, ou descendente, se for em direção às origens. Um pensamento que vai engendrando horizontalmente novos desvelamentos a partir do qual se apropria do fenômeno fragmentário que foi anteriormente desvelado e, em espiral ascendente ou descendente, não sendo conclusivo, mas instigando novas questões, que por sua vez, também trarão novos

questionamentos, enriquecendo o tema trabalhado. Uma maneira de pensar que não faça o esforço lógico de buscar uma compreensão a qualquer custo, mas um pensar em ligação com outros elementos e que surja naturalmente na presença mesma da coisa que “é”, em uma abertura no qual o vivido é o que é. Um surgimento mais espontâneo, porque mais próprio ao ser que o origina. Stein (1996) esclarece que sua

intenção é mostrar o novo trazido para a filosofia pela teoria hermenêutica de Heidegger, que ele chama de Fenomenologia Hermenêutica, é que ele acrescenta um aspecto prático na medida em que descreve o ser humano como ser-no-mundo que desde sempre já se compreende a si mesmo no mundo, mas só se compreende a si mesmo no mundo porque já antecipou sempre uma compreensão do ser. (p.61).

Sapienza (2007) esclarece que Hermenêutica foi entendida por Heidegger como saber ou arte, e em seu livro “*Ontologia: hermenêutica da facticidade*” livro anterior a *Ser e tempo*, Heidegger (1999) diz que a palavra ontologia que aparece no título apenas indica que aquilo que vai ser investigado e a respeito do que vai ser falado é o ser” (p.26), descreve o histórico da palavra hermenêutica. No início, hermenêutica, está em relação com o deus Hermes, o intérprete dos deuses para os homens, o mensageiro dos deuses, e já aparece em Platão, sendo com os bizantinos que passa para nós o sentido de “significar”, e através de Schleiermacher (1768-1834), hermenêutica passa a representar a compreensão e o entendimento do discurso do outro. Para Colpo (2010) este termo está associado à interpretação e nos possibilita uma comunicação na medida em que nem sempre os sentidos se mostram, e, ao explicitá-los em um recorte escolhido, torna-se possível que sejam compreendidos. (em fase de elaboração). Busca-se uma interpretação e compreensão do fenômeno em que o ser é entendido pela sua construção o tempo todo, sempre em uma percepção provisória que se renova. Para Critelli (2007), “(...) o interrogador faz parte do que ele quer saber e do que ele pode ser. Ele é elemento constituinte desse olhar em que tudo o que é tem sua chance de aparecer, mesmo que como mera testemunha.” (p. 149). O método fenomenológico não tenta estabelecer a neutralidade do investigador, considerando que este é um ser-no-mundo, já implicado, enredado na

facticidade e, por isso, participativo de todo o processo. Moreira (2002) aponta que:

Na verdade, a fenomenologia hermenêutica, interpretativa, seria mais tarde encontrada no *Ser e Tempo*, de Heidegger. Spiegelberg (1971) aponta que mesmo a Fenomenologia Descritiva não é totalmente alheia à interpretação; mas a Fenomenologia Hermenêutica almeja um pouco além: descobrir sentidos que não são imediatamente manifestos ao nosso intuir, analisar e descrever, devendo-se ir além do que é simplesmente dado. Para que seja realmente Fenomenologia, a Fenomenologia Hermenêutica não deve se cingir à inferência construtiva, mas a um desvelar de sentidos ocultos. (p.101)

A Fenomenologia Hermenêutica deseja compreender e comunicar os sentidos ocultos, que possam e necessitam ser desvelados e decifrados. Para tanto, a apreensão do sentido, pelo pesquisador é tarefa de comunicação para que a existência própria e do outro possam ser compreendidas e acessíveis a si próprios, pois segundo Leão (1999) “o ser é, pois, a estância, (...), onde o mistério convoca e atrai o homem”, (p.17) e Stein (1996) esclarece que:

A tradição hermenêutica começou a colocar a questão de ler entre as linhas, a descobrir, atrás do texto, o texto não escrito, na medida em que mais que a verdade do texto, no texto está o sentido que envolve, abrange e carrega a verdade do texto, através de processos históricos e culturais. (p.52)

Logo, se tentará encontrar uma interpretação dentro desta tradição Hermenêutica acima especificada, para que seja consentânea com os propósitos do trabalho, buscando essencialmente o sentido subjacente ao texto, que no caso, é o filme “A Partida”.

## **Procedimento**

Buscar-se-á a uma interpretação hermenêutica dos núcleos de significação com seus conteúdos compostos de falas, situações, expressões explícitas e também das implícitas, isto é, não expressas e observadas. A apreensão do texto heideggeriano em consonância com essas unidades de significação, previamente delineadas quanto ao sentido do filme, que de alguma forma, sempre estará incompleta, porque a vida é mutável, as percepções são diferentes a cada leitura e os fenômenos são provisórios, no sentido do aparecer a cada pessoa e a cada momento. A interpretação do

filme está em contato com a hermenêutica utilizando-a para apresentar os possíveis cenários de sentido explicitados pela sua compreensão.

O método hermenêutico poderá ser utilizado em uma situação terapêutica quando é necessário compreender o paciente, acenando-lhe com possibilidades ainda não visitadas, para que suas escolhas melhor preencham o seu poder-ser mais próprio, mais autêntico. Sentar-se a seu lado, em seu sofrimento em uma disposição terapêutica a fim de lapidar questões e alçar lugares que escapam à cotidianidade, onde a angústia se confronta com o poder-ser próprio em um movimento de singularização e reconstrução, no questionamento do horizonte existencial, procurando por meio do discurso ampliá-lo, em uma escuta autêntica em que este possa se sentir ouvido e cuidado, pois para Leão (1999) "a escuta é a dimensão mais profunda e o modo mais simples de falar" (p.15).

### **3.RELATO E ANÁLISE DO FILME "A PARTIDA"<sup>1</sup>**

#### **Cenas Iniciais**

##### Cena I

*Neve densa. Estrada que mal se notava. Notas musicais. Faróis em cone, que mal iluminavam; não parecem, mas são de um carro. Lanternas, uma luz que se aproxima clareando o gris do caminho. Duas pessoas dentro do carro.*

A metáfora do sombrio, do nevoento, do chuvoso, acompanha a expressão do tédio em sua 'pálida indiferença' afetiva, que a nada se apegando e a tudo se abandona. O mundo se apresenta globalmente como realidade dissipada, liquefeita e ensombrecedora, que se derrama em nós. (...). Na metáfora de Heidegger o *tedium vitae* é um 'nevoeiro silencioso'. (NUNES, 1992, p.107)

A neve por ser branca e fria passa nos a qualidade de asséptica e mortal, pois não se vive na neve, no máximo, transita-se por ela, ocasionando um tédio da paisagem sempre igual, que pode ser comparada com um tédio vital de uma vida sem sentido.

Reflexões do motorista:

*"Agora percebo como minha vida foi inexpressiva até hoje".*

Constatação questionadora do motorista, o personagem principal, Daigo Kobayashi, do sentido de sua vida até aquele momento.

*"Faz quase dois meses que voltei de Tóquio para Yamagata".*

Aqui o tempo cronológico se faz presente, para se situar temporalmente, pois sempre se sabe o espaço temporal percorrido porque a noção de tempo está impressa e sempre se recorre a ela para se posicionar na penumbra dos dias mais angustiantes e também na cotidianidade que assola a todos.

---

<sup>1</sup> Os caracteres em itálico referem-se ao relato do filme, enquanto que os caracteres normais referem-se à sua análise.

*"O inverno não era tão frio quando eu era criança".*

A percepção do tempo de uma forma relativa, que podemos nos perguntar, através da poesia de Teixeira (2008),

"e onde se adapta o quando se o tempo perece?

Onde vive o ainda?

Quando o tempo finda? "(p.22)

Neste momento, o sentido da vida é frio e sem esperança. Em criança a neve era tão fria quanto, porém a vivência assim não o era. O sentido do tempo era dilatado, era uma abertura, ainda estava por vir, era uma descoberta, um amanhã, sendo por meio da temporalidade que algo pode ser manifesto, só se podendo ser por meio do compreender que tudo se mostra através do tempo.

Adulto, o tempo já delinea a morte em sua frieza pétrea, condizente com a neve e sua falta de vida, pois nada brota na neve, nada nasce enquanto ela permanece. Porém ela conserva, e ao conservar, promete uma permanência maior. Somos seres que caminhamos para a morte, e, que sabemos do nosso morrer.

## Cena II

### Pictograma – DE LUTO

- *Por aqui.*
- *Com licença.*
- *Por favor, aceitem nossos sentidos pêsames.*
- *Estamos aqui para o acondicionamento.*
- *Podemos acender o incenso?*
- *Sim. Obrigado por terem vindo.*

### *Retira o tecido do rosto do morto*

- *Ela parece viva.*
- *Suicídio com monóxido de carbono.*
- *Como sabe?*
- *O corpo está intacto.*
- *E provavelmente foi encontrado logo em seguida.*
- *É uma pena. É tão bonita.*
- *Quer fazer?*
- *Claro.*

*-Para a partida pacífica do falecido vou iniciar o ritual de acondicionamento.*

- Peço a todos que se aproximem dela.*

*Massageia ritualmente o rosto, colocando e acertando as feições, pois, por já estar morta e inerte pode dar a perdurabilidade da manutenção das posições précolocadas.*

*Descobre o corpo, desamarra as mãos que estão juntas e postas entrelaçadas, massageando-as e com movimentos articula os braços, ajeitando-os em uma posição. Dobra e desdobra a mão em um simulacro de vida e movimento para que possa colocá-la em outra posição.*

*Cobre-o novamente com o acolchoado e retira o quimono pelos pés, sem que este seja exposto. Coloca o quimono por cima do corpo e do acolchoado, colocando as mangas por baixo do ombro, dobradas.*

*-“Agora vou limpar o corpo”.*

*Com uma gaze úmida percorre o corpo com o quimono por cima. Vira-o de lado. O corpo rígido. Lava as costas e a parte de trás, com a parte da frente protegida pelo quimono.*

*O respeito pela não exposição da pele no ritual de acondicionamento. O formalismo da situação, desde o pictograma na entrada da porta, o qual indicava o luto, até os cumprimentos de pêsames, em um cerimonial no qual a família do morto assiste silenciosa e respeitosamente.*

### **Três visões da morte:**

1. Desde a Filosofia Clássica a morte já era uma questão discutida e compreendida com sabedoria, no que até hoje nos intriga.

A idade: “já distante da vida e próximo da morte” (PLATÃO, 1999, p.93). Para Platão existe um tempo de vida que a cada dia vai ficando mais distante e um tempo de proximidade da morte. “Não se tenha por difícil escapar à morte...” (idem, p. 94). Não há como se escapar da morte, mesmo que ela chegue lentamente e o avançar dos anos se faça com misericórdia e “chegado àquele momento em que os homens vaticinam melhor, quando estão para morrer” (idem, ibidem, p. 94), pois estão mais próximos do fim e já de certa forma, desprendidos das coisas da vida, podendo viver melhor sua temporalidade.

2. Douek (2009) explicita que:

Diante da morte, por exemplo, o sujeito experimenta o desconhecimento absoluto, pois está diante de algo que não vem dele, e sobre o qual ele nada pode, ele “perde seu domínio próprio de sujeito” (TA 62). A aproximação da morte é “uma experiência de passividade” (TA 57), que “indica que estamos em relação com algo que é absolutamente outro, algo que porta a alteridade (...) algo cuja experiência

mesma é feita de alteridade. Minha solidão, assim, não é confirmada pela morte, mas quebrada pela morte" (TA 63). (p.103).

Douek citando Lévinas exemplifica um distanciamento de Heidegger, na contraposição ao ser-para-a-morte heideggeriano o "ser-para-o-outro" de Lévinas, e continua: "A proximidade da morte é um acontecimento da ordem do mistério, pois ele não pode ser nem antecipado, nem aprendido, nem pode entrar num presente" (Cfe. TA 65) (p.104). Embora se possa discutir e teorizar sobre o momento mesmo da morte ele é escapável a qualquer definição e experimentação. Não há volta.

### 3. Segundo Heidegger (1990),

a morte se mostrou como um fenômeno existencial. Isso obriga a investigação a se conduzir de maneira puramente existencial por cada presença singular. A fim de se analisar a morte, enquanto morrer, resta apenas a alternativa de se colocar o fenômeno num conceito puramente *existencial* ou então se renunciar à compreensão ontológica" (p.21).

A morte está inseparavelmente ligada à existência, constituindo o final de uma trajetória no mundo daquela pessoa singular, sendo que para Heidegger (1990) "a interpretação existencial da morte precede toda biologia ou ontologia da vida. É ela que fundamenta qualquer investigação histórico-biográfica e psico-etnológica da morte" (p.29). O caminho existencial percorrido, em um dado momento, finda, estanca. Porém nesse ínterim de existência, há que se descobrir um sentido, enquanto existente, pois o ser-aí se encontra diante de possibilidades, em um poder-ser que se abre em diversas direções, na qual a coragem implica em viver sabendo de antemão o fim último, a morte, no percurso existencial

## EPÍTOME

*Daigo é violoncelista de uma orquestra em Tóquio, dissolvida, ficando ele desempregado, percebendo os limites de seu talento, tendo que vender o violoncelo o qual ainda não havia quitado totalmente e voltar para sua cidade natal, Yamagata, com a mulher Mika, onde possuía uma casa, herança de sua mãe.*

*Ao procurar emprego nos jornais, depara-se com um que chama sua atenção por não fazer restrição de idade, salário bom, poucas horas de trabalho efetivo, período integral.*

*O anúncio dizia: "Ajudando a partir." Interpretou como se fosse uma agência de viagens, até que ao chegar ao local e ser entrevistado verificou que havia sido um erro de impressão e que o correto seria "Ajudando os que partiram". O que o levou a se interessar por aquele anúncio foi a expressão: "Ajudando a partir" a qual interpretou como se fora uma agência de viagens e a necessidade de sobrevivência material a que estava submetido, pautando a sua vida também por esta. Mesmo assim aceitou e foi contratado rapidamente para acondicionamento de corpos, isto é, colocar os corpos em caixão.*

*Volta para casa, não conta a natureza do trabalho – um emprego inusitado, como preparador de cadáveres – para a mulher, que quando descobre a verdade despreza-o, mas é através da morte, do trabalho de lavar, vestir e preparar corpos para os parentes e familiares de luto, que começa a descobrir o verdadeiro sentido da vida.*

O motivo que sanciona o núcleo do trabalho ali desenvolvido e se tornará a sua profissão pode ser considerado o encontro de Daigo consigo mesmo, desvelando a sua natureza de cuidador respeitoso cauteloso - morte também solicita cuidados, mesmo que seja por um curto período, pela imagem que fica e pelos últimos instantes, antes do desaparecimento. A apresentação do morto em seu momento final, no caixão, com características que o presentificaram, legando uma imagem condizente com

o seu cotidiano – já delineado por sua ocupação anterior de violoncelista de uma orquestra.

A música que não pode ser completamente revelada, talvez porque seu talento não fosse excepcional, reconhecimento de suas limitações no campo do âmbito musical, mas que não o impediu de prestar seus cuidados às famílias, no seu momento de dor, em um ritual cerimonioso e a sensibilidade aliada ao talento para os atos sutis, o tornaram em aprendiz cuidadoso e atento na arte de acondicionar, isto é, dotar de certa condição, embalar para a despedida final, o corpo morto e inerte, mas que ainda mantém as características do ser humano que o habitou e por isso necessitado de mais cuidado, pois a fragilidade da decomposição já o perpassa. O seu zelar pelo corpo onde não repousa mais vida para perpetuar em verdade uma última visada, a aparência, o ser como era em sua existência. A última imagem, como aquela que fica, com a sua naturalidade preservada, em que viveu e como se apresentava em suas interlocuções às pessoas, como era seu ser-com-os-outros.

Sua possibilidade de escolha, na carreira inicial, de músico foi possível, mas seu talento não se sustentou, possivelmente porque seu poder-ser ainda não era próprio. Era somente o delinear do caminho. Ao amadurecer, vai se encontrando, outras facetas do mundo vão sendo apresentadas e a emergência de si-mesmo no seu mais próprio de si se faz.

Podemos extrapolar para o trabalho do psicólogo, pois para Forghieri (2004), “o conhecimento psicológico é reflexão e ao mesmo tempo vivência; é conhecimento que pretende descobrir a significação, no contato efetivo do psicólogo com sua própria vivência e com a de seus semelhantes”. (p.22), sendo o cuidar dos sentidos das vivências uma tarefa terapêutica. A terapia existencial tem uma proposta de acolhimento e compreensão, utilizando perguntas que irão abrir um espaço de reflexão, sua proposição é que o outro reflita sobre si mesmo, com intervenções que marcam o discurso do paciente, com a intenção de encontrar um sentido para ser ressignificado, ou seja, alterar a significação do sentido anteriormente compreendido, ao encontrar pessoas, que de alguma forma, em algum aspecto, estão mortas para a vida e com o contato mútuo

readquirem as feições antes existentes e que o caracterizam em sua vida plena. O terapeuta não faz mais que devolver ao paciente aquilo que era dele e com as vivências, foi de certa forma, obscurecido, podendo ser recuperado, com um trabalho paciente e humano.

### **Análise do filme "A Partida"**

*O sino japonês toca pela passagem da vida que se foi, como se a dizer, os intervalos dos atos em seu devido tempo.*

*A lavagem do corpo e o ritual de seu vestir, com a proteção do cuidado no trocar de roupa e colocar a derradeira cobertura.*

*A maquiagem respeitando os traços, perpassando de cor, a base, para trazer aparência de vida, em um corpo em que a alma já se foi.*

### **Em japonês: Okubirito – Partidas.**

O tema da morte, cada vez que se fala, estuda ou até mesmo sonha-se com ele é uma maneira de familiarizar-se para sua possível assimilação, possibilitando que se tenha uma visão mais ampliada e um viver menos impessoal, pois para Heidegger (1990) o "próprio da cotidianidade é o impessoal" (p.34), que diz também: "algum dia, por fim, também se morre, mas de imediato, não se é atingido pela morte" (idem, p. 35), uma maneira de se fugir do contato com a finitude, esclarecendo que "o impessoal, que não é nada determinado mas que todos são, embora não como soma, prescreve o modo de ser da cotidianidade" (idem, 1999, p.179). O ser-aí tende a considerar a morte, a sua finitude como algo impessoal, olhando teoricamente como algo que acontece somente aos outros e não com ele mesmo. Então Heidegger (1990), nos fala com clareza que "o impessoal não permite a coragem de se assumir a angústia com a morte" (p.36), que é o verdadeiro motivo dessa escamoteação. Casanova (2009) compreende que,

é em virtude do mundo que o ser-aí existe de início e na maioria das vezes, é em virtude do impessoal que ele constrói de início e na maioria das vezes o seu

projeto existenciário, mas é em seu caráter mesmo enquanto poder-ser que esta situação se baseia, uma vez que aquilo que pode funcionar como em-virtude-de possui sempre uma relação com o ser-aí. (p.115).

Daigo, inicialmente, em sua primeira profissão de músico, ainda não possuía o horizonte final de seu poder-ser, só descoberto através de seu contato com a morte, na sua antecipação, e assunção de sua finitude, vivendo ainda no impessoal, porém Boss (1975) diz que o "único procedimento digno do homem, o de enfrentar abertamente a própria mortalidade como possibilidade da existência, própria e insubstituível, e de tê-la constantemente diante dos olhos" (p.76) é uma forma de afastar o impessoal e de fugir habitualmente desse fato.

#### I-A profissão inicial

*Grupo de violoncelistas em destaque. Focaliza o ator principal, Daigo Kobayashi, o violoncelista, já conhecido, pela introdução, como ajudante do condicionador de corpos.*

*Uma orquestra.*

*Uma platéia quase vazia e um senhor com rosto sério e impassível.*

*O emprego na orquestra, que finalmente havia conseguido, num instante, havia se tornado uma memória.*

*O planejamento de se criar um site, pela esposa, para fazer publicidade da orquestra e a chegada do dono, Sr. Sonezaki, que a dissolve.*

*A preocupação da mulher, Mika, com o pagamento da prestação do violoncelo, que havia sido comprado sem ela saber, por uma quantia considerada alta.*

*O sonho se esvaindo.*

*"As cidades do mundo serão nosso lar. Viveremos sempre em turnês."*

*Mika vai para a cozinha e encontra o polvo que a vizinha Ihe havia dado, que ainda estava vivo e decidem jogá-lo novamente ao mar, em uma metáfora à volta ao próprio ambiente, ao qual Daigo iria retornar.*

*Decidem vender o violoncelo.*

*E Daigo chega à conclusão que:*

*Livrar-se do violoncelo foi um alívio. "Eu me senti livre dos laços que me haviam amarrado por tanto tempo. O que eu sempre havia considerado meu sonho, talvez, na verdade, não fosse."*

Depois da dissolução da orquestra Daigo estava a caminho do nada. Resolveu vender o violoncelo profissional que o havia sustentado como músico de orquestra e ao ser despedido viu suas chances de se manter em Tóquio se acabarem. Para Heidegger (1990), "em si mesma a presença se abre em sua existência de modo próprio ou impróprio" (p.119). Nem sempre o modo próprio é possível para o ser-aí. Daigo, nesse momento, está se colocando em cheque e se perguntando, se aquele realmente "era o sonho de sua vida", e ele mesmo chega à conclusão que "talvez, na verdade, não o fosse", abrindo a possibilidade para novas descobertas com a retomada da vida em um ponto do passado onde era possível ter uma segurança, representada pela casa que herdara de sua mãe, mas que também possibilitava uma volta à sua infância e aos momentos ali vividos. Ainda para Heidegger (1990), "mostrou-se que, de início e na maior parte das vezes, a presença *não* é ela mesma mas se perdeu no próprio impessoal" (p.111). Daigo inicialmente se pautou, podemos dizer, no sonho do pai, que esperava que o filho fosse violoncelista, ao lhe dar, quando criança, um pequeno violoncelo, se perdendo no impessoal e não se perguntando de que maneira sua vida estava seguindo, por caminhos que não próprios, pois esse sonho não pode ser sustentado. Conforme Heidegger (1990), "no dizer-eu a presença se pronuncia como ser-no-mundo." (p.115), que é um questionamento do próprio Heidegger e então esta pergunta pode ser feita para Daigo nesse ponto inicial de sua história, pois, de alguma maneira, a música, representada pelo violoncelo, era pesada demais. Em suas palavras, livrar-se do violoncelo foi um "alívio", e talvez aquele não fosse o seu sonho, o seu ser-no-mundo. Para Gawendo (2010),

estar lançado é um mistério e Daigo estará diante da interrogação porque o homem é sempre projeto, futuro e ação, havendo necessidade de descobrir um sentido, porque ele perdeu o sentido de sua vida e está livre para o recomeço, depois que seu sonho na orquestra durou pouco e o emprego foi tornado memória. O violoncelo agora é pesado demais, apesar de que ele gastou demais na compra, um

violoncelo digno de sonho. Não havia contado à esposa o preço porque 'quanto custou a esposa poderia não compreendê-lo'.

Daigo se enganou quanto à sua vocação, em relação à música, embora possa manter uma relação mais própria e mais sensível com sua antiga maneira de expressão, que quando vivida como profissão não lhe dava o retorno pretendido, pois vivia em um mundo impróprio, impessoal, pois ainda não tinha o domínio que o desvelamento de sua propriedade traria à sua vida.

## II-A cidade natal

*Voltam para Yamagata, cidade natal de Daigo, onde o pai havia tido um café e, depois que ele se foi, quando Daigo era pequeno, sua mãe tocou o negócio e o criou sozinha.*

*Depois de instalados, começa a procurar emprego e, logo encontra um no jornal, que o chama a atenção:*

*"Não há restrição de idade. Salário bom. Poucas horas de trabalho efetivo. Período integral.*

*"Ajudando a partir".*

*Uma agência de viagens, talvez.*

*Guia de turismo?*

*Não é necessário experiência.*

*Vou.*

*Em seu afã de trabalhar, com as especificações acima, sente que está defronte de um emprego ideal, busca saber sobre aquilo que está anunciado.*

*Não se intimida, embora fique receoso, e é quase instado a aceitar o emprego, sendo contratado sem nem mesmo ter dado uma palavra final, e já mandado fazer seu cartão de visitas.*

*Não chega a discutir o salário e já é surpreendido com uma quantia acima do que imaginava.*

*Só depois é que vai saber a natureza exata do trabalho: acondicionar corpos e, que seria assistente do empregador. Fica atônito, sem resposta, com expressão de medo, nojo, repulsa.*

*O empregador esclarece que foi um erro de impressão do jornal, que "não ajudamos a partir, mas sim os que partiram."*

*NK significa Noukan, "por no caixão".*

*O empregador paga adiantado pelo dia.*

*Exemplifica que o destino o trouxe até ali, para Daigo experimentar, se não gostar, pode largar.*

*Daigo sai, compra sukiyaki, como sua mulher queria, e não conta com exatidão a natureza de seu trabalho, dizendo vagamente que é uma agência que organiza cerimônias.*

*Na agência vê caixões e se lembra de seus mortos: seus avós e sua mãe.*

*E seu pai, que ele considerava como tal, até aquele momento, pois o havia abandonado, com sua mãe, quando ele era criança.*

Necessário se fez voltar ao porto seguro de sua terra natal Yamagata, onde possuía uma pequena casa, herança de sua mãe. Um lugar onde habitar embora ainda não tivesse um caminho a seguir, ao qual foi delimitado por uma dose de acaso e uma vontade de conhecer coisas novas, pois interpretou o anúncio, como sendo de uma agência de viagens.

Segundo Angelini, Locatelli e Marques (2009),

a volta à sua antiga casa e a vivência tão próxima da finitude faz com que ele se encontre com o passado e sua relação com seu pai ressurgem. Daigo se sente amargurado e percebe como sua vida tem sido inexpressiva há muito tempo. (p.1)

Daigo naquele momento era uma possibilidade, um poder-ser, um projeto jogado no mundo fático, que o direciona, para se compreender. Era um ex-músico, se se pode chamar assim, alguém para quem a música era importante desde criança, pelo aprendizado e pelo pequeno violoncelo presenteado pelo pai, que o habitava interiormente na sensibilidade dedicada às pessoas mortas que necessitavam dos cuidados de um noukan, ("por no caixão"), isto é uma pessoa que acondicionava corpos.

Para Heidegger (1990),

ao empenhar-se na multiplicidade cotidiana e ao caçar as ocupações, o si-mesmo do eu me ocupo, esquecido de si, mostra-se como algo simples que se

mantém constantemente igual, embora indeterminado e vazio. O impessoal no entanto é aquilo de que se ocupa. (p.115)

Daigo ao procurar emprego, na sua cidade natal, Yamagata, não tem nada planejado e se deixa guiar pelo anúncio do jornal que especifica a ocupação como "ajudando a partir" e que ele interpreta como uma possível agência de viagens, não sabendo do inusitado do verdadeiro cargo, que era acondicionar corpos em caixão. Portanto, até aí, ainda era uma ocupação impessoal, um trabalho que embora, no momento em que ficou sabendo lhe causou surpresa, repulsa e nojo, mas ao qual foi enredado pelo empregador, ao mandar que lhe confeccionasse os cartões e lhe fazer o pagamento antecipado de uma quantia superior à esperada, para uma pessoa que precisava de dinheiro, por estar desempregado e ter uma mulher, que também, no momento, não estava trabalhando, podendo suprir-lhe os gostos, porém ainda no impessoal, pelo que buscava e se ocupava.

### III-Início do trabalho e treinamento

*A funcionária da agência diz a ele que, antigamente, eram as famílias que acondicionavam os corpos. Atualmente, por conta da especialização, profissionalização, não contato com a morte, existem esses profissionais, como o dono da Agência e, agora ele, Daigo, que o fazem, para as agências funerárias.*

*Em seu treinamento, submete-se, como modelo, para um DVD empresarial, que, no futuro será assistido por Mika, sua mulher, que o repreende e o abandona, exigindo que ele deixe o trabalho, que é malvisto e, não é digno nem nobre, segundo sua concepção e de seus amigos.*

*Explicações de como proceder no realizar da tarefa:*

*"No ritual de vestir, para preservar a dignidade do falecido, fazemos com que os familiares não vejam a pele do defunto e o vestimos com o máximo cuidado".*

*No tocante aos homens, e em relação à barba, é dada a seguinte orientação, que soa como um cuidado com a preservação da integridade física do falecido:*

*"Os homens, sobretudo, devido aos músculos contraídos e pele seca parecem ter uma barba longa. Portanto barbeamos com muito cuidado. A pele do morto é extremamente frágil; ela pode se soltar com um simples toque. Por isso devemos proceder com a máxima delicadeza".*

Segundo Heidegger (1990), "enquanto ela é e até o seu fim, a presença se relaciona com o seu poder-ser" (p.15). Nesse momento delicado, de não ter emprego e ter que manter a si e a mulher, Daigo no inesperado, aceita o trabalho e também já as recomendações iniciais deste, não se furtando das responsabilidades e assimilando as instruções iniciais mais importantes de sua nova função, abrindo a possibilidade de expressão de uma profissão, que exigiria dele além dos conhecimentos técnicos de como fazer, também uma imensa dose de cuidado, respeito e delicadeza, no qual ele, naquele momento vai realizar o seu poder-ser, que é ainda incipiente.

#### IV-Primeiro dia de trabalho

*Em seu primeiro trabalho se depara com uma cena que até para os mais experientes é difícil.*

*Uma idosa que morava sozinha e havia morrido há duas semanas. O corpo em decomposição.*

*Tem asco e vômito. Desculpa-se, porém, era uma reação do organismo diante da dissolução da morte.*

*Seu patrão compreende a dificuldade. Depois de encerrado o trabalho, dispensa-o, salientando que havia sido pesado demais como iniciação.*

*No ônibus, as pessoas percebem que ele está malcheiroso e, o mesmo também se dá conta de sua condição, passando, antes de ir para casa, na casa de banho.*

*Lá encontra seu amigo Yamashita e sua mãe, à qual o filho quer que ela coloque a casa de banho à venda e esta não concorda.*

Para Heidegger (1990) “na essência da constituição fundamental da pre-sença reside, portanto, uma *constante inconclusão*. A não totalidade significa o pendente do poder-ser” (p.12). Neste primeiro trabalho, como que em uma iniciação, ele é provado de uma forma bastante dura, ao se deparar com a decomposição. O horror em que ele é lançado o faz questionar, pois o humano que existe em si se rebela involuntariamente contra o que encontra. Então Daigo em sua formação supera a si mesmo e faz o trabalho dele esperado e indicado por seu empregador. Ainda não é, mas poderá ser. O ser si-mesmo ainda está pendente, na concepção da totalidade e está sempre se realizando. Daigo ainda não se pertence ainda, como existente está se constituindo. Para Heidegger (1990), “a pre-sença deve, em si mesma, *dever* o que ela ainda não é, ou seja, *deve ser*. (p.24). A partir do momento em que ele (Daigo) se tornar um profissional, primeiro por querer e ir contra os que se lhe opõe, não em um sentido de contraposição e sim pelo seu poder-ser mais próprio, terá o reconhecimento de sua mulher e amigo. Aí então ele será.

V-A volta do trabalho – Rememorações

*Em sua mesa, em casa, não consegue comer. O vizinho havia lhes dado uma galinha crua.*

*Sai da mesa e vai para o tanque. Mika o acompanha. Daigo tem medo e a abraça desesperadamente, para certificar-se da vida, em um sentimento misto de vontade de posse, de vida, e segurar esse amor que lhe dá sentido.*

*Relembra sua mãe. Tira o violoncelo, de quando era criança e o toca com outra inspiração, com outro sentido, colocando vida em sua música.*

*Ao retirar o violoncelo da caixa encontra embrulhado em um jornal uma pedra, relembra da cena em que a mãe, na beira de um rio os observa, ele e seu pai, trocando pedras, numa cerimônia de pedra-carta, onde ele presenteava o pai com uma pequena pedrinha e, este o presenteava com uma pedra grande, que era aquela que estava junto ao pequeno violoncelo e, que, agora ele encontrava, voltando à sua memória, em um gesto de mãos, a cena, e as feições do pai apagadas.*

*Sobre a ponte observa salmões boiando, morrendo ao subir o rio e tentar voltar para onde nasceram, para a desova, em uma luta contra a correnteza, como a vida, que aponta para o seu fim. O trabalho, do dia a dia é feito, independente, para se realizar o destino.*

Heidegger (1990) diz que “não se pode eliminar o ‘preceder-se-a-si-mesmo’ enquanto momento essencial da estrutura de cura”. (p.16). Ao retroceder ao passado buscando seu primeiro violoncelo, presente do pai, que talvez o quisesse músico, Daigo busca um ponto de apoio, pois se sentia sozinho no mundo, jogado em sua facticidade, não tendo onde apoiar-se, fazendo um trabalho que não tinha certeza de que era isto mesmo que queria. Encontra junto ao pequeno violoncelo a pedra-carta, grande, presenteada pelo pai, então a cena vem-lhe à memória em um momento de recompensa: seu pai, sua mãe e ele. Uma segurança familiar que o amparava enquanto criança e que no presente quando relembra dá forças para prosseguir, embora ainda um pouco inquieto e procurando alternativas, como a meditação acima da ponte, onde os salmões subiam procurando a nascente do rio para a desova.

Para Angelini, Locatelli e Marques (2009), Daigo

guarda no seu mais íntimo um rancor e uma grande dor pela perda de seu pai, que o deixou com sua mãe aos 6 anos de idade e fugiu com uma garçone. Desde então não teve mais nenhum contato com o pai. Quando decide tocar seu velho violoncelo que ganhou na infância, encontra uma pedra-carta, que havia sido dada a ele por seu pai, com todo um simbolismo: os antigos, antes da invenção da escrita, davam de presente uns aos outros uma pedra-carta, mas a promessa não foi cumprida, já que seu pai fugiu e aquela foi a única pedra que trocaram. (pp.1-2).

Por isso o seu distanciamento e questionamento na procura de alternativas que pudessem lhe aclarar o sentido daquele trabalho que estava fazendo, que embora também o intrigasse, não conseguia largá-lo de todo, embora se propusesse a isso.

Nunes (1992) explica que a

estrutura ontológica de um ente, cuja essência reside na existência, como poder-ser, em contínuo ultrapassamento relativamente a si mesmo e ao mundo circundante, o cuidado contraria a ideia de imanência substancial do Eu, e põe em causa, mais uma vez, a certeza do Cogito. O si-mesmo (die Selbstheit) o quem do Dasein, 'só é legível existentemente no poder-ser si-mesmo próprio

(eigentlichen selbstseinkönnen)' (SZ, p.322), e só podemos alcançá-lo na situação extrema da angústia, fora da cápsula protetora do Eu cotidiano, já excedido pelo caráter antecipador do seu projeto e pelo caráter fático do seu ser-lançado no mundo. (p. 132).

O ser si-mesmo de Daigo ainda está pendente na concepção da totalidade e está sempre se realizando. Ele ainda não se pertence, mas ao se abrir para a finitude está se abrindo para um viver mais autêntico.

## VI-A rotina do trabalho

*Volta para sua ocupação.*

*Uma mulher morta e seus familiares.*

*O batom do qual ela gostava e usava.*

*E, Daigo reflete:*

*"Fazer reviver um corpo frio é dar a ele beleza eterna".*

*Isso tudo feito com muita tranquilidade, precisão e, sobretudo, com infinito afeto.*

*"Participar do adeus e acompanhar o morto em sua viagem. Nisso eu percebia uma sensação de paz e extraordinária beleza".*

*São presenteados, patrão e assistente, pelo marido da falecida que agradece, e diz que, ela nunca estivera tão bonita como hoje, reconhecendo o trabalho de Daigo, em sua nova profissão.*

Para Heidegger (1990) "a morte dos outros, porém, se torna tanto mais penetrante, pois o findar da pre-sença é 'objetivamente' acessível. Sendo essencialmente ser com os outros, a pre-sença pode obter uma experiência de morte." (p.17). O trabalho vai sendo realizado com dedicação e cuidado, dia a dia e novas experiências vão sendo acrescentadas, tanto na consecução quanto nas reflexões que são de profunda delicadeza, frente à morte dura, inquestionável e irreversível. Também para Heidegger (1990), "levando-se ao extremo, o não-mais-ser-no-mundo do morto ainda é também um ser, na acepção do ser

simplesmente dado de uma coisa corpórea” (p.18). Por isso o trabalho de arrumação do morto em um ritual extremamente complexo, em que suas feições são ajeitadas e seu vestir apresenta sua aparência como viveu. E Heidegger (1990), enfatiza que “o ser ainda simplesmente dado é ‘mais’ do que uma coisa material *destituída de vida*. Nele se encontra algo *não vivo*, que perdeu a vida” (p.18). A preparação do corpo para as cerimônias funerárias ainda obedece a algo que é destituído de vida, mas presente, em sua presença corpórea.

## VII-O pai – lembranças

### 1-A casa de banho

*Frequenta a casa de banho, agora já com a presença da mulher, Mika, que fica conversando com a dona do lugar. Seu filho quer que ela se desfaça do estabelecimento, para a construção de um condomínio no local, o que ela resiste, e diz que trabalhará ali até morrer. Sendo o que aconteceu. Foi preparada por Daigo, que nesse momento, é reconhecido pelo seu trabalho, pelo filho da falecida, seu amigo, Yamashita.*

*A Sr<sup>a</sup> Tsurunoyu, dona da casa de banho, fala a Mika, para que fique ao lado de Daigo, que este é um rapaz sensível, que guarda tudo dentro de si. Esclarece, lembrando, que quando os pais dele se separaram ele nunca chorou na frente da mãe. Mas ele chorava na banheira quando não havia ninguém. “Ele chorava tanto que seu corpinho tremia”.*

*Observação de uma mãe e profissional zelosa preocupada com o bem estar de seus clientes.*

*Pede a Mika que ela seja compreensiva e esta concorda.*

*Daigo e Mika saem da casa de banho.*

*Neve.*

Desde criança Daigo se mostrou sensível e com a separação dos pais, pode já defrontar-se com a angústia, que é o enfrentamento com o nada, que nos assola em momentos inesperados desestabilizando um modo de ser

que se julgava falsamente estável, por não estar ainda determinado pela finitude.

## 2-O brinde

*Eles vão para um bar a fim brindarem, coisa que não faziam há tempos. Ao chegarem à sua casa, Mika coloca discos que foram do pai de Daigo, conservados por sua mãe, para tocar e, especialmente, o favorito do pai.*

*Daigo diz que não quer pensar no pai e, que, se o encontrasse lhe daria um soco, segurando a pedra que ganhou deste, e a deixando cair, o que é contestado por Mika, em sua sutileza feminina, observando que a mãe dele continuou amando seu pai, até o fim, do contrário não teria guardado os discos tão cuidadosamente, o que é uma atitude feminina de ternura e preservação de lembranças.*

Para Gawendo (2010), "Daigo é convocado a lembrar" o pai através da 'pedra', pois o "chamado do futuro traz o passado de volta".

## VIII-O trabalho

*O telefone toca.*

*É um novo cliente que se enforcou em um hotel. Daigo foi sozinho e desempenhou bem a tarefa, sendo reconhecido em seu trabalho, pelo policial que comentou: "Tão jovem e já tão bom".*

Heidegger (1990) esclarece que, "quanto mais adequada for a apreensão fenomenal do não-mais-estar-presente do finado, mais clara será a visão de que justamente esse ser-com o morto *não* faz a experiência de ter-chegado-ao-fim do finado" (p.19). Essa apreensão, de certa forma, possibilita o desempenho do trabalho, presentificado naquele momento pelo corpo já inerte.

## Comentário

*Daigo também comenta que o destino prega peças estranhas: "Nunca se sabe o que vai acontecer."*

*Podemos ter uma determinada previsão, mas, na realidade, os acontecimentos é que vão se delineando enquanto vão acontecendo. É só no acontecer que se pode realizar o sonho.*

Heidegger (1990) nos diz que "a morte se desentranha como perda e, mais do que isso, como aquela perda experimentada pelos que ficam. (...) Em sentido genuíno, não fazemos a experiência da morte dos outros. No máximo, estamos apenas 'junto'". (p.19).

Nesse dizer de Heidegger, que se aplica a Daigo pode-se obter um determinado distanciamento da morte do outro, apesar de se poder estar "junto". Para poder realizar o seu trabalho, o seu ofício, é necessário esse afastamento, porém próximo. Então para Heidegger (1990), "aquilo que se faz é aquilo que 'se é'". (p.20). Isto na cotidianidade pode ser válido em relação à sua ocupação podendo substituir a outra, a música, mas que para Heidegger (1990) "fracassa inteiramente quando se trata de substituir a possibilidade de ser, que constitui o chegar-ao-fim da presença e, como tal, lhe confere totalidade". (p.20), pois a experiência de morte é insubstituível.

## IX-Implicações do trabalho

### 1-O amigo

*Encontra seu amigo Yamashita, que não mais o cumprimenta e o insta a arrumar um emprego decente, obrigando a mulher e filho a caminharem à frente sem parar para uma conversa.*

Daigo encontra a repulsa de seu amigo pela sua ocupação, que não é vista com bons olhos, nem digna, por tocar em cadáveres, sendo proscrito do rol das amizades de seu amigo de infância.

## 2-A mulher

*Ao chegar à sua residência, encontra sua mulher assistindo ao DVD, ao qual serviu de modelo, no início dos trabalhos, com as instruções sobre a preparação do morto.*

*Ela diz se ele não se envergonha do trabalho em que toca pessoas mortas, que esse não é um trabalho normal.*

*Daigo rebate: "Todo mundo morre. Eu vou morrer e você também. A morte é normal."*

Para Heidegger (1990), "no sentido mais amplo, a morte é um fenômeno da vida" (p.28), sendo que morte e vida estão indelévelmente unidas. Ainda para Heidegger (1990), "cada pre-sença deve, ela mesma e a cada vez, assumir a sua própria morte." (p.20). Ao assumir a sua própria morte o ser-aí se defronta com o limite da existência, sendo essa a possibilidade inescapável, a qualquer momento, sendo também para Heidegger (1990), "a morte é uma possibilidade ontológica que a própria pre-sença sempre tem de assumir" (p. 32).

Nesse momento Daigo já se encontra em uma posição mais definida, embora não pronto a assumir de todo o seu trabalho, mas já assume a morte própria. A compreensão de que a morte própria, não impessoal abre a possibilidade para o modo de ser si-mesmo próprio. Próprio tem o sentido de uma decisão, uma escolha de uma possibilidade de ser, e Casanova (2007) esclarece que (...) "trazendo antecipadamente a morte enquanto horizonte de sua finitude radical para o campo de realização de seu poder-ser mais próprio, ou seja, realizando existencialmente aquilo em virtude de que ele precisa ser e é: seu próprio ser" (p.156). Ao assumir que vai morrer Daigo, se antecipa, colocando a morte como horizonte, e nessa colocação ele se depara com o seu poder-ser que lhe há de ser conquistado na propriedade de uma assunção antecipada do fim.

### **3-A questão: "Esse é o trabalho de sua vida?"**

Naquele momento Daigo ainda não tinha a resposta, não tinha ainda se defrontado com o seu trabalho maior, que seria preparar o corpo de seu pai e, com ele se reconciliar, pela presença simbólica de, em sua mão de morto encontrar a pedra-carta, que um dia ele havia dado ao pai, em uma insígnia de presença, representando seu amor filial de criança e sua confiança neste, que foi abalada por muitos anos, mas que pode ser recuperada, na hora em que assumiu de vez sua profissão e foi reconhecido pela mulher, na frente dos agentes funerários, ao se dispor a preparar o pai, com todo o carinho e respeito, que ele já dispensava a outros, e que agora se confirmava na pessoa querida com a qual se reconciliava.

Para Heidegger (1990), "o si-mesmo só pode ser lido existencialmente no poder-ser si-mesmo em sentido próprio, ou seja, na propriedade do ser da pre-sença como cura." (p.116). O trabalho assim delineado, como o "trabalho de sua vida", em que o poder-ser pudesse ser expresso ainda não era possível, nesse momento, mas o questionamento já era possível em uma antecipação e para Heidegger (1990),

expor o sentido da cura significa, portanto: perseguir o projeto orientador e fundamental da interpretação existencial originária da pre-sença para que se torne visível a perspectiva do projetado. O projetado é o ser da pre-sença e este aberto no poder-ser todo em sentido próprio, que o constitui. (p.118).

Para Gawendo (2010), Daigo talvez se pergunte: "Será que realmente poderei fazer esse trabalho? A partir da lembrança da própria finitude a pessoa passa a lembrar o sentido da morte". No entanto, Daigo ao prosseguir com o trabalho, tinha dentro de si um projeto, que podia ainda não ser de todo conhecido, porém orientador de um caminhar pela vida.

### 4-A Separação

*Mika o deixa, dizendo para buscá-la quando se demitir.*

Mika, sua mulher, não suporta o trabalho do marido, que para ela é não é digno por tocar em pessoas mortas.

## 5-O trabalho

*Daigo continua seu trabalho preparando sempre, da melhor e mais profissional forma possível, encontrando nesses momentos, e, vivenciando dramas familiares que explodiam na hora da morte, mas que tinham uma significação maior, e que seriam fechamentos de episódios de uma vida.*

Ainda nesse momento, o sentido de seu trabalho ainda não havia se mostrado. Segundo Heidegger (1990),

é na disposição da angústia que o estar-lançado na morte se desentranha para a pre-sença de modo mais originário e penetrante. A angústia com a morte é angústia 'com' o poder-ser mais próprio, irremissível e insuperável. O próprio ser-no-mundo é aquilo com que ele se angustia. (p.33).

Angústia é a ruptura de sentido, um medo sem objeto, onde o ser-aí não se encontra mais, sentindo-se estranho e se remete a outras possibilidades de ser, isto é, o sentido que vigorava não vigora mais. A morte em seu horizonte angustia o ser-aí e Daigo não era imune a esse angustiar na consecução de seu ofício, em que se deparava com os dramas de cada família e a sua própria posição ainda não estabelecida.

Para Gawendo (2010), esse é um "convite para ressignificar". "Desvela no cuidado na preservação da história, cuidado com o morto, para que sua imagem seja bela."

Nunes (1992) esclarece que "o fundo ameaçador da angústia – a essência do perigo – não é, portanto, uma possibilidade qualquer, mas o poder-ser si-mesmo da existência" (p.111). Para Daigo isso é o que o amedronta e o que o angustia: o encontrar-se frente a si mesmo e à sua própria escolha.

## 6-O patrão e a profissão

*Mesmo assim Daigo tenta se demitir, mas seu patrão conta como tudo começou para ele, com a morte de sua mulher e a preparação de seu primeiro corpo, que foi o dela. Também soube que deveria contratar Daigo já no primeiro instante.*

Angelini, Locatelli e Marques (2009) esclarecem que "seu chefe, um ancião que vive sozinho possui uma vivacidade muito maior que a de seu jovem aprendiz, que está ainda muito vinculado a aspectos mórbidos de sua vida. (p. 1)

Ao sofrer várias pressões, de seu amigo, de sua mulher, Daigo resolve deixar o trabalho e vai conversar com seu patrão na casa deste, uma casa cheia de plantas e de vida no andar superior, em contrapartida com o andar térreo, onde funcionava o escritório de trabalho, relativo à morte e aos seus preparativos.

#### X-Reflexões

*1-Daigo e seu patrão estão em uma refeição e faz-se o contraponto entre a vida e a morte. "Se você não quer morrer, tem que comer e se tem que comer que seja algo gostoso".*

Inicialmente a perda pode parecer uma coisa horrível, progressivamente se torna necessária, porque nós comemos animais, sendo a morte fundamental para a vida e a vida se alimenta da morte.

Daigo se pergunta, se poderia fazer desse o trabalho de sua vida.

Nesse momento de questionamento, para Heidegger (1990),

(...) a de-cisão antecipadora é o ser *para* o poder-ser mais próprio e privilegiado. Isto só é possível caso a pre-sença *possa em geral* vir-a-si em sua possibilidade mais própria e, deixando-se vir-a-si, suporte a possibilidade enquanto possibilidade, ou seja, exista. (p.119).

E em continuação explana que "deixar-se-*vir-a-si*", no suporte da possibilidade é constituinte do fenômeno do porvir, que não é um amanhã, mas "porvir significa o advento em que a pre-sença vem a si em seu poder-ser mais próprio" (p.119). Nesse momento de interrogação Daigo se

encontra em uma posição de decisão, pois, no mesmo tempo que relembra seu passado, que ele considera inexpressivo, uma nova possibilidade com propriedade, é colocada em sua frente, para que ele possa realmente ser si-mesmo-próprio e em consequência existir com propriedade.

#### XI-Sentimentos e sensações

*Ao acondicionar corpos entra na intimidade e sentimentos das famílias, nas suas sensações e momentos de tristeza, com lembranças marcantes de vida da pessoa ali ainda presente, em seu corpo prestes a desaparecer, mas que, por momentos, adquirirá a aparência de vida, da vida que teve, e que foi vivida em sua totalidade, pois não mais há o que viver.*

Segundo Nunes (1992), "é o sentimento de angústia que efetua esse abrir originário, expondo na unidade que liga entre si os existêntivos fundamentais – a existencialidade, a facticidade e a queda-, o fenômeno do *cuidado*, em que o ser do Dasein se desencobre." (p.106). Daigo encontra um significado para sua vida ao acondicionar corpos, um trabalho no início mal visto e depreciado, no entanto, de uma profundidade tocante, pela reconstituição da aparência do morto como era em vida, em sua visada cotidiana em seus aspectos mais sutis, possibilitando aos que ficaram, seus familiares e amigos lembrarem-no como o foi em sua vida

A solidão do contato com a morte como possibilitadora do encontro com o si-mesmo-próprio através da angústia de saber-se mortal, em um cuidado com o condicionamento do corpo, mesmo que seja assistido e por pouco tempo, para depois ser cremado.

#### XII-O pequeno violoncelo

*Toca o seu violoncelo de criança que o pai o havia obrigado a aprender, em uma festa de Natal, para seu patrão e a secretária.*

Já nesse momento ao tocar o pequeno violoncelo encontra um novo sentido na música, por não haver mais a obrigatoriedade, podendo Daigo se

expressar o ser sensível que é. A volta à música para poder lembrar uma época em que se sentia pleno, desvelando o que ficou oculto, numa visita ao passado, com os conhecimentos do presente, ressignificando a vivência e a tornando completa, pela compreensão agora possível, pois tinha o pai como incentivador e expectador total de seu aparecer.

#### XIII-Retorno da mulher

*Mika volta, com uma novidade: está grávida. Uma vida a caminho em oposição à morte e, em continuação da presença de Daigo e Mika.*

A vida contrapondo-se à morte em seu surgir irreversível, como também o morrer.

#### XIII-Reconhecimento da importância do trabalho

*Nisso o telefone toca. O chamado. A dona da casa de banho havia falecido e Daigo a prepara, inclusive, colocando o lenço amarelo que a caracterizava. Nesse momento:*

*1-é reconhecido por Mika, que também gostava muito dela e*

*2-pelo filho Yamashita, seu amigo, que presenciaram a cena e sentiram-se reconfortados com a presença e cuidado de uma pessoa amiga nesse momento especial de passagem.*

*O cliente da casa de banho era o acionador do forno crematório, e faz o comentário que "talvez as pessoas tenham um pressentimento quando está para acontecer". Que ela havia pedido para ele administrar a casa de banho com ela, para ter a certeza da manutenção desta.*

*Yamashita ao ver a explosão de fogo devorando o caixão, pede perdão à mãe.*

A importância de seu trabalho é reconhecida, pois Daigo pode também se reconhecer no que faz.

#### XIV-A pedra-carta

*Uma revoada de pássaros. Daigo e Mika na beira do rio, e este, dando a ela uma pedra, contando que: "os antigos, antes da invenção da*

*escrita procuravam uma pedra que expressasse seus sentimentos e a davam aos seus entes queridos. Quem recebia a carta podia ler os sentimentos do outro pelo peso e textura. Por exemplo, uma pedra lisa era sinal de coração sereno. Uma pedra áspera que a pessoa estava em dificuldades”.*

*Dá uma pedra a Mika, que capta o sinal e a guarda como segredo.  
O pai havia contado a história a ele.*

Os pássaros livres para cumprirem seu destino de voar até o sentido de suas vidas, em resposta à ânsia de ser de Daigo. Não se pode fazer cerimônia com a vida, que há de ser vivida em sua plenitude. Para Nunes (1992), “o si-mesmo, que a existência decidida descobre, é pois, o solo fenomenológico originário da subjetividade reflexiva”. (p.133). Daigo, nesse momento, já mais próximo de si, pode voltar ao passado e lembrar o símbolo que o unia ao pai, fazendo desse mesmo símbolo, a pedra-carta, uma nova união com Mika, sua mulher, revivendo que a pedra-carta que seu pai lhe deu era grande e áspera, o que falava de suas dificuldades.

#### XV-Morte do pai

*Mika recebe um telegrama para a Sr<sup>a</sup> Kazuko, mãe de Daigo, já falecida, com o texto: “Hideki Kobayashi, hora da morte: 7 horas e 30 minutos do dia 18. É favor retirar o corpo.” É o pai de Daigo.*

*Ela liga para o trabalho de Daigo, que naquele dia havia esquecido o celular e dá a notícia para a secretária que a transmite a Daigo. Seu pai seria cremado amanhã de manhã. Daigo não quer vê-lo e a secretária insiste que este deve ir, pois, ela também abandonou o filho e gostaria de vê-lo.*

*Daigo sai, encontra com Mika e decide ver o pai.*

*Este vivia sozinho e trabalhava no porto.*

*Descobre o rosto e se envergonha de não reconhecê-lo.*

*“Viveu mais de 70 anos e só o que resta dele é uma caixa de papelão”.*

*Os agentes funerários vão levá-lo, mas uma força imperiosa impele Daigo a fazer seu trabalho.*

*Mika: "Meu marido é um profissional".*

*O reconhecimento de seu trabalho.*

*Quando Daigo consegue abrir a mão direita do pai, cai a pedra-carta que havia dado a ele, quando criança, e o pai a segurou na hora extrema de sua morte.*

*Daigo soube então, que sempre estivera presente.*

Douek (2009) nos diz que, "em Noms Propres Lévinas ressalta que: 'E graças a Heidegger, nosso ouvido se educou a escutar o ser em sua ressonância verbal, sonoridade inédita e inesquecível'. (NP9)" (p.82). Apesar da contraposição de Lévinas em relação a Heidegger, ele reconhece uma dívida em relação a este, por tornar a questão do sentido do ser primordial na filosofia, pois segundo Douek (2009) "o ser que se revela ao dasein não lhe aparece sob forma de uma noção teórica que ele contempla" (EDE 88) (p.82). O ser e seu sentido tão caro a Heidegger, constitui a questão fundamental de *Ser e Tempo*, nos possibilitou ir até o sentido da vida de Daigo e ao mesmo tempo de nossa vida como ser-aí. Para Heidegger (1990),

sentido significa a perspectiva do projeto primordial a partir do qual alguma coisa pode ser concebida em sua possibilidade como aquilo que ela é. (...). Rigorosamente, sentido significa a perspectiva do projeto primordial de uma compreensão do ser. (pp.117-118).

Os cenários de sentido que Daigo viveu possibilitaram-no compreender o sentido de sua vida e de seu trabalho. Rumo à morte, rumo à vida, que se abre; ao se aproximar da morte se aproxima da vida, deixando-se ficar mais vivo, como se, ao voltar-se ao pai, como profissional, reconhecido pela mulher, e, assumindo de vez seu ofício, como digno e respeitoso, a sensibilidade como instrumento para captação do propósito da especificidade do seu trabalho de acondicionar corpos,

explicita-lhe a possibilidade de ser si-mesmo-próprio, compreendendo-se a si mesmo, ao descobrir o sentido da vida a partir da morte.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

“A Partida” possibilita lidar com um assunto difícil como a morte de uma forma delicada, trazendo um referencial de vida encampado em seu bojo. Ao mesmo tempo em que a morte está presente, novas configurações de vida vão sendo traçadas.

A profissão nova que se mostra a Daigo e a reconciliação com o pai, mesmo após a morte deste; o reconhecimento profissional pela mulher e pelo amigo e o futuro nascimento de um filho, gerando mais vida, que não se esgota.

No transcorrer do filme, Daigo, em suas feições imperturbáveis, deixa transparecer o profundo respeito pelo ser humano, mesmo em sua forma de não-vida, dedicando-se a aprender com seu mestre o ritual de acondicionamento e tornando-se um profissional respeitado, pelo seu patrão, por si mesmo e depois pelos outros, ao assumir, primeiro com dificuldades, depois incorporando como função do trabalho, todas as nuances de um perfeito noukan, guardião entre a vida e a morte.

Qual o sentido da vida de Daigo, ao tocar violoncelo e ao embalar corpos destituídos de vida, mas portadores de uma história viva? Nessas duas ocupações interpenetra-se a sensibilidade, tanto manual quanto pessoal pelo sentido da vida.

Ele tenta se aperfeiçoar na arte de acondicionar corpos, estando no limiar, na fronteira dos limites entre o ser e o não-ser material, pois o sopro da vida que alenta já se foi, mas o corpo, a presença material ainda se encontra. O ritual último, antes da cremação, é uma cerimônia cheia de simbologias e, especialmente, o respeito por um corpo que se transformará em cinzas.

Daigo, no início, não tem perspectivas, mas ao se aprofundar no trabalho descobre um profissionalismo e um respeito pela vida que lhe dá forças para continuar. Lidar com os cadáveres não é considerado uma atividade digna e o desafio de Daigo é mostrar que, com seu respeito e cuidado, seu trabalho pode ser considerado belo, nobre e merecedor, como

outro qualquer, pois possibilita um ser si-mesmo digno e um ser-com-os-outros ao se deparar com o ser-para-a-morte em seu estado último.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGELINI, Mariana; LOCATELLI, Renan; MARQUES, Renata. A Partida. [Trabalho apresentado na Disciplina Eletiva O Velho Do E No Cinema, na Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo], São Paulo 2009.

APEL, Karl-Otto. É a morte uma condição de possibilidade de significado? In: DE BONI, Luis A. (org.) *Finitude e Transcendência* – Festschrift em Homenagem a Ernildo J. Stein. Petrópolis. RJ/Porto Alegre. RS: Vozes/EdipucRS, 1996-1995, p.358 - 370

BECKENKAMP, Joãosinho. Da infinita possibilidade à finitude da existência. In: DE BONI, Luis A. (org.) *Finitude e Transcendência* – Festschrift em Homenagem a Ernildo J. Stein. Petrópolis, RJ/Porto Alegre, RS: Vozes/EdipucRS, 1996-1995, p. 265 – 275.

BOSS, Medard. *Angústia, culpa e libertação: ensaios de psicanálise existencial*. Tradução Bárbara Spanoudis. São Paulo: Duas Cidades, 1975.[1962]

CASANOVA, Marco Antonio. *Compreender Heidegger*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. *Nada a Caminho*. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2006.

COLPO, Marcos Oreste. *Fundamentos para uma Filosofia da Educação a partir da Ontologia de Martin Heidegger*. São Paulo, 2002. 233 p. Dissertação (Mestrado em Filosofia da Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.

\_\_\_\_\_. *Ideias para uma Pedagogia da Desconstrução: Desdobramentos a partir da ontologia de Martin Heidegger*. São Paulo, 2007. 252 p. Tese (Doutorado em Filosofia da Educação) Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.

\_\_\_\_\_. Texto sobre orientação de pesquisa em fenomenologia: *A relação entre Husserl e Heidegger*. Disciplina de Pesquisa em Fenomenologia ministrada na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2010.

CRITELLI, Dulce Mára. *Analítica do Sentido: Uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2007.

DIAS, Elsa Oliveira. *Ser e Tempo em Augusto Matraga: Veredas de hora e vez*. São Paulo, 1984. 296 p. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

DOUEK, Sybil Safdie. *Sujeito e alteridade em Paul Ricoeur e Emmanuel Lévinas: proximidades e distâncias*. São Paulo, 2009. 268 p. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

FORGHIERI, Yolanda Cintrão. *PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA, Fundamentos, Métodos e pesquisa*. São Paulo: Pioneira/Thomson, 2004.

GAWENDO, Angélica. *Partidas: possibilidades de ressignificação da existência*. Considerações sobre o filme A Partida (2008) de Yojiro Takita. [Palestra proferida na Associação Brasileira de Daseinsanalyse, São Paulo, 2010].

HEIDEGGER, Martin. *A Caminho da Linguagem*. Tradução de Márcia Sá Cavalcanti Schuback, 4 ed. Petrópolis, RJ/Bragança Paulista, SP: Vozes/Editora Universitária São Francisco, 2008.

\_\_\_\_\_. *Ser e Tempo*. 8ª Ed. Parte I. Tradução de Márcia Sá Cavalcante. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. *Ser e Tempo*. 2ª Ed. Parte II. Tradução de Márcia Sá Cavalcante. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

INWOOD, M.J. *Dicionário Heidegger*, Tradução de Luisa Buarque de Holanda, revisão técnica Márcia Sá Cavalcante Schuback, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

LEÃO, Emmanuel Carneiro. "Exposição da questão sobre o sentido do ser". Apresentação do livro: *Ser e Tempo* de Martin Heidegger. Tradução de Márcia Sá Cavalcante. 8ª Ed. Parte I. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

MICHELAZZO, José Carlos. *Do um como princípio ao dois como unidade*. A passagem do paradigma metafísico para o pensamento originário em Homenagem a Martin Heidegger. São Paulo, 1997. 190 p. Dissertação

(Mestrado em Filosofia). Faculdade de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

\_\_\_\_\_. *O Círculo Restaurado*. O resgate da experiência da totalidade originária no primeiro Heidegger. Campinas, 2004. 310 p. Tese (Doutorado em Filosofia). Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.

MOREIRA, Daniel Augusto. *O Método Fenomenológico na Pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

NUNES, Benedito. *HEIDEGGER E SER E TEMPO*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2002.

\_\_\_\_\_. *PASSAGEM PARA O POÉTICO*. (Filosofia e poesia em Heidegger). 2ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 1992.

PLATÃO, Apologia de Sócrates. In: *Platão – Vida e obra*. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999.

TEIXEIRA, Carolina. Alice. In: ANDRADE, Eric Meireles (org.) *II Antologia Confraria dos Poetas*. Editorama, 2008.

SAPIENZA, Bilê Tatit. *Do desabrigo à confiança*. São Paulo: Escuta, 2007.

STEIN, Ernildo. *Aproximações sobre Hermenêutica*. EDIPUCRS, 1996.

SUSIN, Luiz Carlos. "Pensar" a Morte. In: DE BONI, Luis A. (org.) *Finitude e Transcendência: Festschrift em a Ernildo J. Stein*. Petrópolis, RJ/Porto Alegre, RS: Vozes/EdipucRS, 1996/1995, p. 404 -420.